

O OPERÁRIO NÃO VOTA

O dr. Amâncio de Alpoim, aproveitando o palpitante assunto da abolição dos monopólios dos tabacos e dos fósforos, foi para a Associação da Voz do Operário fazer a sua propaganda política, incitando os trabalhadores a votarem nos socialistas nas próximas eleições. Entre outras afirmações, o sr. Alpoim atribuiu ao partido socialista todo o desenvolvimento do operariado em Portugal e declarou que lá fora, nos países onde se não emprega tão intensamente a táctica revolucionária e o operariado vota, este está em melhor situação económica do que o operariado português, de onde, segundo a sua opinião, devia concluir-se que o interesse do operariado consiste exactamente em pôr de parte os processos revolucionários e a organização duma revolução económica e adoptar os métodos do reformismo socialista.

Não deixou o nosso camarada Silva Campos, que se achava presente, de levantar estas afirmações no próprio local em que foram produzidas. Mas nunca é demais, para que nenhuma dúvida fique, que se explique bem publicamente que o operariado não pretenderá nunca substituir a sua acção directa pela intervenção dos políticos.

A verdade é que nos países onde o operariado se ocupa da luta política nem por isso têm descurado a acção directa e a luta revolucionária. As regalias conquistadas nada seriam se não fosse a organização operária, as suas reclamações e por vezes a maneira enérgica e decisiva de as tornar efectivas.

Se fosse certo o que afirmou o dr. Amâncio de Alpoim, teria também razão o neo-integralismo do sr. Trindade Coelho e até o integralismo monárquico. Sob o ponto de vista do interesse prático e imediato para o operariado todas essas doutrinas se equivalem. Para nós é que elas não representam nenhum valor sob o ponto de vista de libertação política que entendemos deve ser uma das primeiras aspirações da massa para conseguir satisfazer integralmente as suas reivindicações.

Os socialistas reclamam a conquista do poder. Nós reclamamos a abolição do poder. É lógico, até certo ponto, que os que forem socialistas, os que aceitarem o Estado, votem e elejam deputados, se bem que se trate do Estado actual. O que se não entende é que as organizações operárias, fazendo a luta das classes, debruçando-se com os patrões e com o próprio Estado, colaborem num reformismo político, transigindo com o Estado e o capitalismo, perdendo assim toda a sua força moral para a grande obra de emancipação que pretende realizar.

O que pode constituir, em todos os tempos, a força do operariado não é o seu valor eleitoral, o número de deputados que leve aos parlamentos mas o número dos seus sindicatos, a quantidade da sua população organizada e a energia dos seus protestos e da sua acção sindical. Tudo quanto não seja isto não passa duma simples aparência que não corresponde à realidade.

AS GRANDES CATÁSTROFES

Aldeias destruídas por um furacão

CRISTIANIA, 19.—Um furacão passando sobre a Noruega causou uma verdadeira catástrofe. Há aldeias completamente destruídas. Nas linhas férreas e nas casas de habitação nas cidades os prejuízos são elevados. Registam-se numerosas mortes. Só em Cristiania morreram oitenta pessoas.—(L.)

300 casas incendiadas. 1.100 pessoas sem habitação

TOKIO, 19.—Um pavoroso incêndio destruiu trezentas casas em Osaka. Ficaram 400 pessoas gravemente feridas e 1.100 sem habitação.—(L.)

UMA INOVAÇÃO BARBARA

PARA PRENDER UM LOUCO

PARIS, 19.—A polícia fez uso de gases asfixiantes para prender Martinho Falgauer, empregado de correios que envenenou e que se fechou na sua habitação com um grande número de revólveres e munições fazendo fogo para a rua e contra a polícia. A polícia devidamente protegida urou a porta da habitação do Falgauer, tendo depois introduzido aí gases asfixiantes.—(R.)

O banquete no Palácio da Ajuda

O Mundo afirmou que A Batalha não se fez representar no banquete de sábado no Palácio da Ajuda porque não quis, porquanto deveria ter recebido—como todos os jornais receberam—um convite do chefe do Estado.

Enganou-se O Mundo: não recebemos convite algum. E o engano de O Mundo é bastante compreensível. Dentro das normas da democracia que defende, o aludido jornal não podia conceber que o presidente da república se esquecesse que existia uma gazeta do operariado português, uma gazeta que tem influência na opinião nacional e internacional e que tem marcado o seu lugar com brilho na imprensa portuguesa.

O chefe do Estado, que deve encarnar os princípios do regime de que é magistrado supremo, não devia ter feito a exclusão que fez, não devia esquecer-se sequer de convidar A Batalha a fazer-se representar nessa recepção.

Tinha o presidente da república, para honrar os princípios que defende, tanta obrigação de nos convidar, como A Batalha, para manter as suas doutrinas, teria o dever de recusar o convite.

Esse convite seria uma afirmação necessária do espírito democrático, seria uma gentileza vã, mas seria uma gentileza—porque não respondemos com incorrecções às gentilezas que nos fazem.

Afirmando, pois, que não aceitaríamos o convite, protestamos altivamente contra a incorrecção do chefe do Estado que, esquecendo-se de A Batalha, se esqueceu do operariado, que é uma classe merecedora de mais honrarias e benesses do que muitas outras de quem os chefes de Estado sempre se lembram.

Não recessa o presidente da república que o nosso *paletot*, um pouco usado, puzesse uma nota discordante entre as casas elegantes que abrihantaram a festa. Mais coerentes do que o dr. Trindade Coelho não incomodariam ninguém com a nossa presença desagradável.

Pelo relato dos jornais, a festa decorreu animada. O menu encantou os cem convivas que tomaram parte no banquete. Houve quem tececesse grandes elogios ao prato «Mousse de Jambon à la Presidente» e o «coração de boi Richelieu» causou admiração pelo seu exotismo.

Cerca de mil pessoas assistiram à recepção que teve lugar depois do banquete. Folgamos com toda esta alegria e prazer. E não queremos, para não obscurecer o brilho da grande festa, lembrar—como fez o sr. Trindade Coelho, por ocasião do banquete de Krassine—que na mesma ocasião muitas crianças gemiam com fome e com frio.

A VIDA BAIXA...

A carne aumenta hoje de preço!

A comissão de abastecimentos de carne comunicou ontem a todos os marchantes e proprietários de talhos, que, a partir de hoje, a carne custará mais 100 em quilo do que até aqui. Este facto causou grande descontentamento entre os cortadores, devido ao facto de a comissão não ter tornado público tal resolução por intermédio da imprensa, a fim de prevenir os consumidores.

Dois camaradas delegados da Associação dos Cortadores vieram apresentar-nos o protesto da sua classe contra este aumento que classificam de inoportuno e injustificado tanto mais que a carne, no concelho de Oeiras, baixou esta semana 2540 em quilo.

Portanto, o público já sabe: hoje tem que pagar a carne um escudo mais cara. E escusa de apelo para a tabela camarária que hoje os talhos continuarão ostentando, reclamar da polícia porque esta tem ordem para não autorizar por este desrespeito à tabela da Câmara.

O FASCISMO NA AUSTRALIA

Procedendo ao exame dos «dossiers» da polícia, o novo governo trabalhista, que acaba de ser eleito no Estado de Vitória, descobriu a existência duma organização fascista clandestina.

Todos os membros desta organização secreta pertencem à grande burguesia australiana, e usam um distintivo especial escondido na gola do casaco, os automóveis também têm uma marca especial e uma iluminação particular que permite serem reconhecidos muito facilmente. O ex-peregrino da polícia, de acordo com o governo conservador transacto, tinha concedido à organização o uso de porte de arma. Todos os «dossiers» possuíam a seguinte inscrição: «estritamente confidencial», e numa das notas do governo ao perfeito da polícia era-lhe recomendado o máximo segredo sobre esta organização.

O governo trabalhista declarou que a organização fascista era ilegal e ordenou a sua dissolução, mas nada disse prever que as suas ordens sejam cumpridas.

A descoberta destes «dossiers» secretos prova-nos que o fascismo acaba de nascer na Austrália e que não teve muitos obstáculos para conseguir obter subsídios e recrutar elementos.

Universidade Popular Portuguesa

Em virtude de não estar ainda completa a inscrição para o curso sobre higiene e puericultura, só na próxima segunda-feira se realiza a primeira lição desse curso que, como temos dito, será regido pela distinta médica sr. A. Adelaide Cabete. A inscrição continua aberta todos os dias úteis na sede da Universidade, rua Particular à rua Almeida e Sousa, das 20 às 23 horas, sendo destinado a senhoras de 17 aos 40 anos.

Estando concluída a nova organização do serviço de tesouraria, começa a fazer-se na presente semana a cobrança dos meses de Dezembro e Janeiro.

O Limoeiro ameaçado duma epidemia de varíola

Um preso que não é removido para o hospital com risco da sua vida e da dos outros presos

Há três dias que no Limoeiro foi atacado de varíola o preso de delito comum António do Carmo. Este homem, perigosamente enfermo, tem a sua vida em risco por não ser removido para o hospital; está de cama, na enfermaria do Limoeiro, atacado duma moléstia que é contagiosa, ameaçando assim a vida dos outros doentes, a saúde e a vida de todos os presos.

Não é esta flagrante desumanidade culpa do actual director, dr. sr. Abílio Soeiro. Lealmente confessamos que ele envidou todos os seus esforços para que António do Carmo fosse, como o seu melindroso estado de saúde requeria, removido com a necessária urgência para o hospital. Houve, e ainda subsiste, uma influência nefasta que põe em risco a vida e a saúde dos presos e impede o director das cadeias de tomar as providências exigidas. Essa influência nefasta está personificada no dr. sr. Cesar dos Santos, procurador da república. A vida dos presos está à mercê da sua vontade. Não vamos daqui inferir que o procurador da república seja um conservador embuído das mais bafiantes ideias e dos mais funestos preconceitos acerca dos presos e dos delitos, ou presumidos delitos, que eles praticaram.

Não é duma questão de ideias, mas sim duma questão de humanidade que se trata. O dr. Cesar dos Santos não procede de acordo com uma ideia, obedece inteiramente ao odio. E com a agravante desse odio se exercido sobre pessoas que se não podem defender; recair em pessoas sobre as quais já recaiu, e duma forma cruel, as represálias duma sociedade cujo direito se baseia exclusivamente na força.

Historiemos um pouco o odio do dr. Cesar dos Santos às pessoas que se encontram nas imundas, nas anti-higienicas, nas mortais cadeias da república:

Antes do sr. Pestana Júnior ter sido nomeado director das cadeias, quando qual-quer preso era acometido de doença perigosa ou de qualquer acidente grave, a sua remoção para o hospital fazia-se rapidamente, sem dificuldades, dando-se às autoridades competentes, conhecimento do que se passava. Depois o dr. sr. Cesar Mendes interveio, proibindo que se movessem presos para o hospital, sem sua prévia autorização.

O procurador da república coloca os presos fora da humanidade

Quando se deu no Limoeiro o alarme de vários presos atacados de varíola—um caso de sugestão colectiva, como depois se apurou—o procurador da república, o mesmo e odiado sr. Cesar dos Santos queixou-se ao director geral da justiça de que o director das cadeias, dr. sr. Abílio Soeiro, tinha ordenado a saída de presos para o hospital, sem a isso estar autorizado.

Foi ainda devido aos seus maneios, inspirados sempre no odio bastardo e torpe, que o mesmo sr. recebeu da Administração e Inspeção das cadeias um officio proibindo o terminantemente de enviar presos para os hospitais «fossem quais fossem as suas intenções». Este officio não é inventado por nós; conhecemos a sua existência de maneira a dissipar todas as dúvidas. Por este officio fica o preso condenado à morte no caso dum ferimento grave ou duma doença perigosa que requiera cuidados especiais e prontos socorros.

O Limoeiro está ameaçado duma epidemia de varíola que ataca e dizime os presos. Estes encontram-se muito excitados pelo facto de terem sido colocados, duma maneira flagrante, fora da humanidade.

A gravidade do caso, levou-nos ontem ao Limoeiro a inquirir do seu director porque motivo ao fim de três dias ainda se não tinham tomado providências. Não estava. Informamos-nos da sua residência particular e para lá nos dirigimos. Também não estava: tinha ido, novamente ao Limoeiro. Afirmaram-nos porém que ele não se demoraria a regressar a casa.

Nada posso fazer sem autorização superior—declara-nos o director das Cadeias Civis

Ao cabo de alguns minutos de espera o sr. Abílio Soeiro recebia-nos e, sem rodeios, fazia-nos estas perentórias declarações: «O caso de varíola no Limoeiro? Mas, nada posso fazer, lamento sinceramente que não esteja sob a minha alçada ordenar o envio do preso António do Carmo para o hospital. Sou forçado a seguir certas formalidades, formalidades demoradas...»

«Mas, trata-se dum caso grave, dum caso urgente, dum caso de humanidade. Está ameaçada a vida dum homem, outros homens podem ser atingidos, contagiados...»

«Sem dúvida. Eu sou o primeiro a reconhecer que havia toda a conveniência em se poder enviar para o hospital os presos atacados de graves ferimentos ou enfermidades. Mas não o posso fazer sem autorização superior do presidente da Relação...»

«E não pediu essa autorização?»

«Pedi.»

«E negaram-lha?»

«Respondam-me que era necessário que o procurador da república, o dr. sr. Cesar dos Santos, concedesse essa autorização...»

«O procurador da república?»

«Até agora ainda não recebi dele a indispensável autorização. E sem ela nada posso fazer. A minha opinião...»

«A sua opinião?»

«Era que em casos de urgência ela fosse dispensada, pois o cumprimento dessas formalidades representa demora incompatível com a rapidez que os socorros médicos e hospitalares requerem. A demora, em certos casos, pode ser a morte...»

«Antigamente não eram necessárias essas formalidades—aventamos, no desejo de ver confirmadas as nossas informações...»

«Decerto. Em casos graves enviava-se o preso ao hospital e depois fazia-se a petição. Ultimamente, desde que o dr. sr. Pestana Júnior foi nomeado director das cadeias é que as coisas mudaram...»

«A que atribuir essa mudança?»

«Não a quero atribuir a esta ou àquela causa. Constatou-se—eis tudo. E, lamento-a, creio-o sinceramente, lamento-a. E devido a ela que não mandei seguir para o hospital o preso António do Carmo...»

A entrevista cerrou-se nesta última declaração. Estavam confirmadas todas as nossas afirmações. Era o dr. sr. Cesar dos Santos o culpado da desumanidade que se estava praticando.

A nossa principal preocupação não é o Procurador da República, mas o perigo a que os presos se encontram expostos e a fria vingança cometida contra um homem que se encontra na reles e imunda enfermaria do Limoeiro. Esta inação perante a doença, esta indiferença perante a vida dum homem, é um crime. Um crime que deve, que tem de ser, sem demora, evitado, resgatado. A não ser que o dr. Cesar dos Santos seja a epigme moral duma sociedade que ameaça recuar à ferocidade bestial das idades primitivas.

Um apelo dos presos por questões sociais

Os presos por questões sociais da cadeia do Limoeiro, nesta emergência, enviaram para todos os jornais um apelo, que passamos a reproduzir integralmente:

Sr. redactor.—A situação de despreso a que foram votados os presos das Cadeias Civis de Lisboa, pelo Procurador da República—sr. Cesar dos Santos—obriga-nos a dirigir à imprensa o presente apelo, que V. decerto acolherá como melhor convenha aos interesses do apreciado jornal que dirige e aos sentimentos que a nosso respeito o animam.

V. não ignora, decerto, a ocorrência que aqui se deu, há dias, a propósito de alguns casos de varíola, verificados em várias dependências do Limoeiro.

Os médicos, sr. Curvin Moreira e Esteves da Fonseca, procedendo muito acertadamente, como V. poderá julgar, determinaram a remoção preventiva de 27 presos para o Hospital do Rego, entre os quais também foram 10 camaradas nossos; e, ainda como medida de saneamento, ordenaram o isolamento do grupo B, onde nos encontramos, sujeitando-nos à respectiva vacinação, com a qual transigimos apenas para que não se dissesse «que vivemos em latente insurreição contra tudo e contra todos...» Assim, dada a nossa atitude, absolutamente espontânea e talvez por isso mesmo concordante com as necessidades colectivas do momento, pôde a Direcção das Cadeias resolver a contento de todos a ocorrência, permitindo que os presos fossem visitados novamente por suas famílias, logo ao cabo de 48 horas.

Aconteceu, porém, que dos presos idos para o hospital *as ordens directas do dr. sr. Esteves da Fonseca* só dois estavam atacados de bexigas, e logo apareceram quem explorasse o «caso», dizendo que se tratava dum «truc» dos presos sociais, que tentaram *mais uma vez* ludibriar os seus carcereiros.

Nesta ordem de pensamentos erróneos e indiscutivelmente tendenciosos, estava o do sr. Procurador da República, cujas convicções políticas o levam muitas vezes a ser injusto e quasi sempre atrabiliário no desempenho do cargo que exerce, para nossa desgraça e para infelicidade de todos os presos... S. Ex.ª, aparentemente muito zeloso da integridade do regime, expôs-se com a maneira bondosa e altamente humana como o Director interino das Cadeias, sr. Abílio Soeiro, atendeu às indicações médicas. *Pareceu-lhe* até que o digno sucessor do actual ministro das finanças procedeu «de convivência com os presos»... E daí tomou medidas as mais extremas, em relação a nós, ao mesmo tempo que fazia insinuações à imprensa, referentemente a funcionários que tem de se sujeitar expressamente às suas determinações.

O preso António do Carmo está quasi cego!

Para o sr. Cesar dos Santos, demitir um funcionário que não se queira sujeitar às suas estupefacentes imposições—ou sugerir a sua morte certa qualquer um dos que vivem encarcerados nas prisões do Estado, é o que há de mais fácil e mais natural! E foi por isso que baixou novas instruções, tão absurdas e desumanas que nós as sentimos, desde os primeiros instantes da sua aplicação.

Não é nesta simples carta que nós podemos descrever as anomalias do regime prisional a que estamos obrigados.

Chamando a atenção da imprensa para o desespero da situação dos presos da República, queremos apenas frisar um ponto, que, pela sua gravidade, pode ser considerado o principal do presente apelo.

Referimo-nos ao estado em que se encontra o preso comum António do Carmo. Esta criatura está completamente atacada de bexigas, desde quinta-feira passada, sem que quaisquer providências fossem tomadas, por quem de direito, a seu favor!

António do Carmo já está quasi cego—oferece uma impressão de horror!

Está absolutamente só, queremos dizer, sem quaisquer auxílios da medicina.

Ameaça-o, mais do que os efeitos vivos da terrível moléstia que o acometeu, a própria morte!

E quanto aos outros presos...?

Que situação é a nossa, sr. redactor, em face da obstinada teimosia do sr. Procurador da República, que disse «não permitir que quaisquer presos sejam daqui transferidos—ainda que às portas da morte!»—sem sua permissão?!

Ouvi o nosso apelo!

Atendi a situação dos presos, sr. redactor!

Pugnae pela garantia da saúde daqueles que têm cerceada a sua liberdade e que, por isso mesmo, estão impossibilitados de o fazer!

OS PRESOS POR QUESTÕES SOCIAIS.

O rateio do trabalho

Neste momento de crise atltiva há operários que trabalham horas suplementares, há trabalhadores que fazem serões. Constitui este facto uma immoralidade, pior, uma iniquidade que fere todos os que, sem trabalho, se vêm a braços com a fome e com a miséria.

Que se trabalhassem as horas regulamentares, compreendia-se. Agora, que o trabalho que excede em certas oficinas, em vez de vir beneficiar os que andam forçadamente à boa vida, facultando-lhes lugares nessas oficinas e fábricas, implique mais trabalho dos que já têm trabalho, achamos injusto.

A diminuição de horas de labor, numa sociedade justa, deveria ser a garantia de trabalho para todos. Neste momento excepcional, os operários deveriam lutar pela diminuição de horas de trabalho e aumento de pessoal nas oficinas.

Não é justo que uns tenham trabalho à farta e outros nada tenham que fazer. Como dentro da sociedade capitalista, com a sua lei de bronze, muito difícil é fazer vingar certas regalias que colidem com os fundamentos da organização burguesa, necessário se torna encontrar meios transitórios que determinem melhor distribuição de justiça pela classe trabalhadora.

Assim, neste momento de crise, impunha-se uma medida que, afectando um pouco o relativo bem-estar dos que têm abundância de trabalho, atenuaria consideravelmente a crítica situação dos que se encontram em crise. Essa medida cifrar-se-ia no rateio de trabalho, de forma a distribuir o pouco labor que exista por todos os trabalhadores.

Tal medida posta em prática daria ao operariado uma noção mais nobre da solidariedade, educando-o num ambiente moral que o levaria a compreender melhor os princípios igualitários que por seu esforço terá de implantar.

O OPERÁRIO NO JAPÃO

E' reconhecida pela primeira vez a existência legal dum sindicato

Os operários dos serviços públicos de Tokio obtiveram o reconhecimento do seu sindicato. Até agora a organização evitava a repressão, passando por uma sociedade de socorros mútuos.

Pela primeira vez na história do movimento sindical japonês um «concern» se decide a reconhecer um sindicato e a aplicar o princípio do contrato colectivo. A Kawakita Electrical Works prometeu aos seus operários que constituiria um comité misto de patrões e de empregados, sempre que houvesse a resolver um assunto importante referente às condições de trabalho.

Os representantes do sindicato também têm o direito de visitar e inspecionar as fábricas eléctricas da companhia.

NO MÉXICO

Uma vitória operária

A greve que rebentara nas explorações petrolíferas da Huarte Oil Company terminou por uma vitória dos operários. Estes últimos obtiveram um aumento de 18 % em vez de 25 %, mas a Companhia reconheceu o sindicato e comprometeu-se por meio de um contracto a não tomar nenhuma atitude hostil contra os «menetres».

Também a greve contra a Pierce Oil Company terminou por um sucesso. Os operários obtiveram o dia das oito horas de trabalho; as horas suplementares serão pagas duas vezes mais do que as da tarifa ordinária. Os salários foram aumentados 40 %, e daqui para o futuro é proibido aos contramestres emprestarem dinheiro aos operários, a taxas fabulosas. Além disso a Companhia comprometeu-se a tratar a sua custa todos os operários que adeoçam durante o trabalho.

Trotsky abandonará todos os cargos

MOSCOU, 19.—A comissão central do partido comunista tomou conhecimento da carta de Trotsky, na qual este confirma ser precário o seu estado de saúde e repele as acusações que lhe têm sido feitas de atirar as instituições soviéticas, apresentando a sua demissão de presidente do conselho revolucionário de guerra.

A comissão executiva reunida em conjunto com a comissão central apreciou a atitude de Trotsky, sendo decidido o seu afastamento de comissário do povo para a Guerra e Marinha.

Foi ainda aprovada uma moção demitindo Trotsky, e propondo que o próprio congresso decida a sua colaboração ou substituição na comissão central.

Um violento abalo sísmico

NEW-YORK, 19.—Os seismógrafos dos observatórios de Mordham, Georgetown e das universidades de New-York e Washington registaram um violento abalo às 7,45 de ontem. O centro do movimento sísmico foi calculado que devia encontrar-se no Japão. (L.)

OS MONOPÓLIOS

A questão dos fósforos e dos tabacos

Os socialistas preocupando-se mais com a política do que com os interesses do pessoal

Conforme anunciamos, no salão da Voz do Operário realizou-se ante-ontem um comício, promovido pela Federação Municipal Socialista, para apreciar a questão dos monopólios dos Tabacos e dos Fósforos. Presidiu o sr. Martins Santareno, que expôs a numerosa assistência os fins do comício.

Em seguida falou João Rodrigues Caçô que iniciou as suas considerações por uma ampla defesa da Regie. Afirmou que esse regime só traz vantagens, não só para o pessoal, como para o Estado e para o consumidor. Advogou por fim, a maior união entre ambas as classes, com a qual, afirmou, será possível uma boa solução para o assunto em discussão.

Jerónimo Figueiredo, pelo pessoal dos Fósforos, afirmou que a situação do pessoal que ali representa é idêntica à do pessoal dos Tabacos, terminando também por aconselhar a máxima união, e pela defesa da criação de uma Caixa de Pensões.

Falou depois Amadeu de Moura, delegado da União dos Sindicatos Operários, que declarou ser espinhosa a sua missão. Se a U. S. O. tem o dever de tomar a defesa do operariado, também lhe cumpre defender os consumidores. Afirmou que as classes dos operários dos tabacos e fósforos, estão um tanto ou quanto deslocadas da questão sindical, pois que cada uma delas possui dois sindicatos, defendendo interesses antagonistas. A U. S. O. combate todos os monopólios, mas toma a defesa dos operários.

Há muitos operários com 40 e mais anos de casa que não se reformam só para não morrerem de fome. O pessoal dos tabacos e dos fósforos tem de impôr aos futuros patrões determinadas garantias que até hoje não conseguiram por se encontrarem divididos. Terminou aconselhando os operários a organizarem-se para conquistarem aquilo a que têm direito.

Joquim José da Rocha combateu os monopólios e defendeu o sistema de «regie», dizendo que por esta forma muito podem lucrar tanto consumidores como operários e até o próprio Estado. Falou depois o dr. Herlander Ribeiro, que começou por dizer que ia falar por indicação da junta directiva do Partido Socialista. Estava ali para defender a causa do operariado, nada pedindo em troca. Estava ali para defender o trabalho, porque também é trabalhador. Em Portugal, infelizmente, os intelectuais são tidos pelos burgueses como as mulheres formosas; só são considerados enquanto prestam serviço, depois são esquecidos como o são também os operários manuais.

O operariado pouco deve esperar dos poderes públicos, confiando mais na acção do que na dos políticos. O trabalhador precisa de se educar e mandar educar os seus filhos, pois que a transformação social só será feita mediante uma larga propaganda educativa. Terminou dizendo que os trabalhadores devem estar unidos para vencerem as suas reivindicações, pondo de parte as seus credos políticos e religiosos. Falaram depois Carlota das Dores e Virgínia Silva, que se exprimiam em considerações sobre a protecção à mulher.

Fala o delegado da Confederação

Manuel da Silva Campos, da C. G. T., analisou a questão dos tabacos, dizendo que a administração do Estado tem provado a sua inferioridade sobre as empresas particulares. Os operários dos tabacos e fósforos não devem tomar a defesa dos seus interesses sem primeiro olharem ao interesse do consumidor. E' contra os monopólios porque eles representam a especulação, mas dentro da actual sociedade o pequeno industrial e o pequeno comerciante também monopolizam, fazendo acordos sobre o preço de venda dos vários artigos, e os operários dos tabacos, quer passem a trabalhar por conta do Estado ou por conta de empresas particulares, devem continuar a usufruir as regalias que lhes foram outorgadas por lei e, se possível for, a exigir ainda mais. Como representante da C. G. T. não vem trazer promessas aos operários dos tabacos e dos fósforos. Simplesmente o que lhes pode afirmar, apesar de eles não estarem confederados, é que aquele organismo não deixará de lhes prestar o seu auxílio moral e material, caso dele necessitem, tanto mais quanto é certo que dentro da C. G. T. não existem anarquistas nem socialistas, mas sim operários.

O dr. Amâncio de Alpoim, que fala a seguir, depois de combater a divisão que existe entre trabalhadores manuais e intelectuais, afirma que a classe dos manipuladores dos tabacos e dos fósforos, felizmente, se não vive na opulência e na abundância, não atravessa neste momento uma crise como as restantes classes operárias. As regalias que hoje usufruem os trabalhadores dos tabacos, conseguiram-nos não por meio de actos violentos, mas sim por intermédio dos seus sindicatos, que eram orientados por correligionários seus. Declara que está ali para fazer a política do partido socialista. Faz propaganda eleitoral, dizendo que os trabalhadores devem enviar deputados ao parlamento.

Os trabalhadores não têm no Parlamento—afirma—quem os defenda, por recearem eleger indivíduos que por fim se bandeiam com os políticos. Mas, afirmou, também corram o risco de se bandearem, os delegados das classes que sobem as escadas dos ministérios procurando regalias para as classes que representam.

Estas iras desagradam à assembleia que protesta ruidosamente, ouvindo-se aparte, como este:

— Abaixo a política! Retire a frase! Fora! Fora!

A muito custo o presidente consegue restabelecer a calma, prosseguindo o orador no uso da palavra.

Disse que a sua frase não tinha o intuito

A educação moral na família

A actividade das crianças

34 - A ordem material, condição da ordem moral

É preciso impôr aos filhos, no que eles fazem, um princípio sobre o qual não se deve transigir, que eles aceitarão, que se tornará nêles, por hábito, uma segunda natureza: a ordem material. Um lugar para cada coisa e cada coisa no seu lugar. Uma hora, um momento para cada ocupação. Esta ordem nos objectos e nas acções é uma condição da ordem moral: faz diminuir o descuido, a negligência, e dá a cada obrigação a sua importância relativa, a cada dever o seu valor evidente, isto é, o valor que ordena e obtém a realização voluntária.

35 - O accio

O accio e o cuidado no trabalho fazem a sua beleza e mesmo a sua poesia. Quantas pessoas trabalham sujando-se, sujando o solo, o pavimento, o sobrado, sujando até o próprio trabalho. Nisto como em tudo, pois, dá o exemplo e ordena também.

Ensinai logo a vossos filhos a respeitar e conservar o accio do seu corpo, do seu vestuário, do seu quarto, de toda a casa.

36 - O respeito pelas coisas

Existe nas crianças uma falta de respeito pelas coisas que se traduz exteriormente por duas atitudes completamente diferentes: a inércia e a acção.

Por preguiça, por indiferença, por apatia absterem-se de fazer um gesto, um movimento, por exemplo, para limpar água entornada, apanhar qualquer papel, qualquer objecto caído. E, ao contrário, por falta de reflexão ou por um obscuro instinto de destruição, sujam as cadeiras, as mesas com os sinais do calçado, dão pontapés nas paredes, nas portas, riscam os móveis pintados, encardem os polidos, semeiam nódoas de tinta nos tapetes... Que eles encontrem os pais, neste capítulo, energéticos e bem decididos a fazer-lhes proceder a favor do respeito pelas coisas, pela mobília e pela casa, e também decididos a impedil-os de proceder contra o respeito pelas coisas, pelos móveis e pela casa.

Enfim, objectos vivos mas imóveis, objectos vivos e móveis que fazem o encanto e a utilidade da habitação, nem sempre encontrarão nas crianças os cuidados e as atenções a que têm direito: são as «flores», as plantas cultivadas em vasos ou canteiros, os arbustos, as árvores do jardim, e os animais domésticos desde os passarinhos na gaiola até ao gato, ao cão, passando pelos coelhos, pelas galinhas, pela cabra e pela ovelha. Havemos de deixá-los despresar ou maltratar pelos nossos filhos?

Não. Ensinar-lhes hemos pelo nosso exemplo, e também pela nossa firme vontade, a cuidar deles, mantê-los e admirá-los, a alimentá-los e estimá-los.

Em resumo, habituemos nossos filhos desde a sua mais tenra idade, a proceder, a trabalhar, a querer, e assim lhes ensinaremos a viver moralmente, a viver na moralidade.

OS T. M. E.

MAIS DUAS PRISÕES

Foram ontem presos Jorge Kruss Ribeiro e Fernando Celestino Soares, como implicados nas irregularidades cometidas nos T. M. E.

Recolheram ao Limoeiro, depois de interrogados pelo juiz sindicante, por não terem prestado a fiança de 100 contos que a cada um foi arbitrada.

DENTES ARTIFICIAIS

a 2500. Extracções sem dor, a 1000. Consulta especial das 10 à 1. Concertam-se dentaduras em 4 horas. Das 2 às 7 consultas sem hora marcada.

MÁRIO MACHADO

CHIADO, 74, 1.º Telef. C. 4186

TEATRO APOLO

Grandioso êxito

O AMOR DE PERDIÇÃO

O papel de ferrador pelo ilustre actor ANTÓNIO PINHEIRO

TEATRO NACIONAL

do qual faz parte o distinto actor

DICKY

JOSÉ RICARDO

HOJE

a mais fulgurante de todas as comédias

DICKY

de ofender ninguém. Recordar que foi o partido socialista quem principiou em Portugal a organizar a classe trabalhadora.

E pergunta: Os sindicalistas têm solução para a crise de trabalho? Porque não põem em prática?

Ouvem-se novos protestos e apertes violentos.

O orador termina por dizer que o pessoal das duas companhias tem o direito de

O QUE SE PASSA NA RÚSSIA

Incidentes na fronteira polaca

Notícias enviadas de Karkof à Agência Rosta, dizem que durante a noite de 5 deste mês e próximo da caserna de Jampol, um destacamento formado por uns quarenta soldados polacos, atravessou a fronteira da U. R. S. S. fazendo fogo contra as sentinelas da mesma.

Depois de penetrar em território russo, os assaltantes lançaram bombas e dispararam inúmeros tiros sobre o local do comandante da praça, tendo a tropa sido obrigada a responder à agressão, matando um soldado polaco e obrigando os restantes a tornar a passar a fronteira.

O governo dos Soviéticos, ao ser informado deste acontecimento, enviou imediatamente uma comissão a Karkof que deverá fazer um inquérito rigoroso.

A liberdade de Trotsky

O jornal «Ikstrabladet», de Copenhague, anuncia que no dia 22 de dezembro, dia seguinte ao da detenção de Trotsky, os Soviéticos e a Tcheca receberam uma carta que continha ameaças de morte no caso em que Trotsky não fosse posto imediatamente em liberdade.

No dia 23 de dezembro três homens mascarados, que conseguiram fugir sem deixar rasto, assassinaram Organsew, chefe bolxevista que era conhecido como um inimigo terrível de Trotsky. Os Soviéticos em seguida convocaram o conselho, no qual Rykoff falou durante 2 horas da gravidade da situação interior, da efervescência reinante no seio do exército e dos camponeses, da scisão do partido e reclamou a libertação imediata de Trotsky e a reconstituição do governo com elementos de todos os partidos.

No dia 27 de dezembro Trotsky foi posto em liberdade, mas é vigiado estreitamente.

CARTA DE INHAMBANE

As burlas do Banco Nacional Ultramarino

INHAMBANE, Dezembro.—Não cessa o Banco Nacional Ultramarino, com a cobiça do governo, de vigiar os que não são banqueiros ou governadores.

Assim, para expoliarem os indígenas do Raud inventou-se a seguinte ratoeira: O governador Moreira da Fonseca criou uma portaria, segundo a qual o indígena que passou a fronteira é obrigado a trocar em R. Garcia as libras esterlinas que trouxer por notas do B. N. U. ou escudos, troca que é sempre feita por preço inferior ao do câmbio.

O indígena fica satisfeito por ver muitas notas, mas ao comprar qualquer coisa vê logo que foi roubado.

Os comerciantes e agricultores também não são poupados, estando constantemente a enviar telegramas de protesto para Lourenço Marques, a fim de serem autorizadas as transferências para a Metrópole, que estando suspensas pela sede do Banco, dão ensejo a esta manigância:

Como não podem fazer transferências, as filiais daqui propõem o seguinte ao cliente: Vocês dão-nos por cada libra papel das nossas, mais 8 schellings ao câmbio do dia, e enviam o dinheiro por carta registada, e desta forma não pagam transferência.

Não está mau o negócio; o pior é que nem só os comerciantes precisam de enviar escudos para a metrópole. Há muitos trabalhadores que de lá mantêm pessoas de família na metrópole e que têm que se deixar roubar se quiserem continuar fazendo-o.—A. P.

PELA POLITICA

A reforma bancária

O governo publicou a sua anunciada reforma bancária. Por essa reforma criam-se vários lugares de vice-governadores de Bancos naturalmente criados para anichar amigos.

O novo decreto foi objecto de discussão ontem na Câmara dos Deputados havendo quem presagie a queda do governo em virtude dele. O Partido Nacionalista até ameaçou com a revolução na rua! São do seu leader, sr. Cunha Leal, as seguintes afirmações:

«O Partido Nacionalista usará de todas as armas. Faz disto uma questão de honra para a República. A uma brutalidade responde-se com outra brutalidade. A não ser que o governo consiga a dissolução parlamentar, ou o decreto se não publica, se não é não é publicado, ou o revogam se ele já o foi. Ou nunca mais se discute coisa alguma nesta Câmara...»

UM DOCUMENTO INTERESSANTE

As disposições testamentárias do general Dantas Baracho

O Mundo publicou anteontem na íntegra o testamento do general Dantas Baracho. É um belo documento em que as arraigadas convicções liberais do general Dantas Baracho se afirmam. Dela respigamos as seguintes passagens:

«Só este testamento que estou agora delineando e escrevendo com o meu autêntico punho, é válido e tem de ter inteiro cumprimento, nos seus efeitos e disposições, cuja especificação preliminarmente inicio assegurando que em matéria religiosa sou um escéptico, um incrédulo. Apenas concebi a existência de Deus representando-o como sinónimo de Natureza, ou consoante geometricamente o definiu Pascal nestes lucidos quanto expressivos termos: Deus é uma esfera infinita, cujo centro está em toda a parte e cuja circunferência em parte nenhuma.

Nestas circunstâncias, quero que o meu enterro seja rigoroso e estritamente civil, ajustado pelas normas da mais absoluta simplicidade. Nem convites, nem avisos, nem outros quaisquer expedientes permito, indicadores do local e hora em que se verifique aquele acto, dêle devendo ser, e na sucessão, igualmente banidas todas as exteriorizações de frágil frivolidade mundana, quer sociais quer políticas. Sendo possível a incineração dos meus restos, prefiro-a ao enterramento. Se, porém, persistirem a inércia e a incúria, senão a mistificação e a burla oficiais, que a protelam desde 18 de fevereiro de 1911, em que a cremação foi estatuída, pelo código dessa data do Registo Civil, peremptoriamente determino que me sejam cortadas as carótidas, como procimo indispensável da minha cremação. O meu cadáver ficará depositado no meu jazigo n.º 392 do cemitério da Ajuda, ali guardando monção mais favorável, menos dominante e dominadoramente reaccionária, em que a incineração seja factivamente praticável. Em tudo e por tudo estimo que se tenha presente que morro identificado como aquele dos três Senecas famosos que serena e sapientemente afirma: «Post mortem nihil est». «Depois da morte nada há», e concomitantemente acrescenta: «ipsaque mors nihil», «nem a própria morte».

A este inequívoco despreendimento espiritual, sensato, coerente e cumulativamente me impõe o total desapego de corporeas mundanidades materiais, mais ou menos vãs e ostentosas. Assim disponho que o meu corpo seja encerrado no ataudê, tendo, por toda vestimenta, uma túnica ou ampla camisa branca, bem alva, que o resgarde honesta e decentemente, e nada mais.

Sob o aspecto e critério propriamente políticos, morro integrado com as mais avançadas ideias liberais, que cultivei com intensidade e ardimento, mormente desde 17 de Outubro de 1901, em que me separei do partido regenerador, no qual combati activa e desinteressadamente cerca de 30 anos, já no Parlamento, já na imprensa.

CONFERÊNCIAS

«Para que serve o saber»

Para inauguração da nova secção da Universidade Popular Portuguesa que acaba de ser instalada na sede das Secções da Construção Civil e Metalúrgica do Alto do Pina, à rua Barão de Sabrosa, 81, 1.º, realiza hoje ali, às 21 horas, o dr. sr. Ferreira de Macedo uma conferência sob o tema «Para que serve o saber».

«O Camões», de Garrett

Amanhã, às 21 horas, efectua o dr. sr. Sá Oliveira, na sede da Universidade Popular Portuguesa, rua Particular à rua Almeida e Sousa, uma nova conferência em que serão lidos, por estudantes dos dois sexos, vários trechos do «Camões», de Garrett, aos quais o conferente dará o devido comentário.

No S. U. Metalúrgico de Portimão

PORTIMÃO, 16. — A convite do S. U. metalúrgico realizou uma conferência no mesmo professor José Negrão Buízel. Começou por referir o valor da organização local em 1918, em que ela fez tremor a burguesia desta cidade pelo seu valor e acção revolucionária. Espalhou-se em considerações sobre a origem do Socialismo e das diversas escolas sociológicas, demonstrando a necessidade de nos organizarmos, nos nossos sindicatos, única fórmula da sociedade futura. Referiu-se à Revolução Francesa, ao valor da mulher nas lutas sociais demonstrando o quanto há de heroísmo na sua acção. Falou sobre solidariedade das plantas e animais, fazendo o contraste com a dos homens. Demonstrou o valor do Sindicato, Federação, União, Confederação e Internacional. Desenvolveu o tema de que só pelo sacrifício se conseguirá a emancipação, atacou o alcool como o pior dos inimigos, religião, etc. Falou da sentimentalidade da mulher como filha, irmã, esposa e mãe, e ainda da educação que dá ao filhos, educada numa falsa moral.

«A Educação das Juventudes Operárias»

Ante uma numerosa assistência de jovens socialistas realizou ontem o sr. Alfredo Franco, uma conferência tendo por tema a «Educação das Juventudes Operárias».

O orador, que durante cerca de duas horas dissertou sobre os métodos educativos praticados pelos sindicatos belgas e alemães, referiu-se à influência que as práticas desportivas têm na orientação das juventudes, censurando, asperamente alguns casos passados no nosso meio desportivo que considera imorais e dissolutos.

Alude à falta de interesse dos trabalhadores pela Associação de classe, terminando por incitar os seus ouvintes a inscreverem-se no sindicato, não o abandonando antes lutando para que desempenhe a missão de aperfeiçoamento que lhe pertence.

OS QUE MORREM

FALECIMENTOS

Faleceu ontem a sr.ª Adelaide de Magalhães Peixoto, esposa do sr. Celestino António Peixoto, gerente da Foto-lito António de Carvalho. O funeral realiza-se hoje às 15 horas, saindo o préstito da rua do Almada, 36.

Para a Morgue foi enviado o cadáver de Francisco Martins, que na fábrica de Vidros Pintados da rua 24 de Julho, 26-A, foi acometido de doença súbita.

RECLAMAÇÕES DOS FERROVIÁRIOS

A Federação Ferroviária prossegue nas suas «demarches»

Com os srs. presidente do ministério e ministro do trabalho, conferenciou ontem o conselho executivo da Federação Ferroviária.

As questões que interessam o problema ferroviário foram postas convenientemente e numa forma geral pela mesma, ventilando-se especialmente os factos que estão originando o descontentamento dos ferroviários do Minho e Douro, perseguições e suas consequências na C. P. e na B. A. e meios das evitar, reconduzindo, aos seus antigos lugares todos os atingidos, horário de trabalho, situação dos sindicatos dos ferroviários do Estado e estabelecimento duma organização geral para todo o serviço ferroviário, que abraça todas as redes e uniformize todas as classes, categorias, vencimentos, etc., bem como uma caixa de reformas e pensões únicas.

Continuando tratando o mesmo organismo deste importante assunto ainda esta semana, pois novas entrevistas se efectuarão com as mesmas entidades.

A União Ferroviária do Porto entrevista o ministro do Comércio

Da comissão de «demarches» da União Ferroviária recebemos a seguinte comunicação:

«Duma nova conferência realizada com o ministro do comércio, resultou a promessa de serem tratados devidamente os assuntos que constam das reclamações apresentadas, muito especialmente o pagamento ao pessoal eventual existente na data da publicação do decreto 8.924 e abrangido pelas disposições dos artigos 399 e 413.

Em face disto não foi o assunto apresentado ao sr. presidente do ministério, por esta comissão, que espera do sr. ministro do comércio ordem para que sejam cumpridas as disposições dos citados artigos 399 e 413 restabelecendo o império da lei desrespeitada pela ordem que originou o corte de 30 p. c. nos vencimentos do pessoal citado.

Aguarda, pois, esta comissão, que seja ordenado pelo sr. ministro do comércio o imediato pagamento a todo o pessoal que a ele tenha direito, dos seus vencimentos em conformidade com as disposições do supra-citado decreto 8.924.

Teve esta comissão conhecimento que a Federação Ferroviária tratou junto do sr. presidente do ministério das reclamações do pessoal do Minho e Douro, especialmente da falta de pagamento ao pessoal eventual e do corte sofrido por esta classe nos seus salários, tendo obtido o prometimento que iam ser tomadas providências, no sentido de serem satisfeitas as reclamações da classe.

A venda na administração de «A Batalha»

A Anarquia e a Igreja, por Eli-seu Redas, com uma gravura e biografia do autor. 1500
Folhas Perdidas, por Augusto de Sousa (sonetos, quadras e fados). 1000
O Amor e a Vida, por Campos Lima (contos). 500

«A Batalha» na provincia

Lagos

Indiferentismo operário

LAGOS, 16.—Sempre que nos recordamos das lutas de reivindicação operária que se deram nesta cidade lamentamos, mais amargamente, o indiferentismo aqui existente.

Porque motivo é que actualmente, que a organização operária tanto incremento tomou e tanto se desenvolveu, aqui se persiste num deplorável desprezo pelos sindicatos?

Existem na construção civil alguns rapazes que poderiam tornar-se bons militantes e fazer alguma coisa de útil para a organização, mas que se não mexem por receio e indolência. Ora se todos fossemos indolentes nada se fazia nesta vida; e se fossemos medrosos não tínhamos alcançado as regalias que conquistámos com bastante sacrifício.

E neste momento, em que os sindicatos devem trabalhar o maximo para conseguirem atenuar a crise de trabalho, apenas uma pequena minoria se esforça para conseguir esse «desideratum», passando os restantes o tempo em cafés e tabernas, bailes e «clubs».

Referindo-me especialmente à construção civil, apelo daqui para todos os operários desta indústria a fim de que compareçam no sindicato na próxima terça-feira a eleger criteriosamente os novos corpos gerentes. Que todos se lembrem do que foi a construção civil há anos e que com o seu esforço façam aproximar dias melhores.

Óxala que as nossas palavras contribuam para despertar o operariado desta localidade da indiferença criminosa em que ele tem persistido.

Mina de S. Domingos

As perseguições do gerente da mina

MINA DE S. DOMINGOS, 17.—Os processos usados pelo gerente da mina, para guerrar a Associação dos Mineiros, são tanto quanto há de mais baixo, mais tórpe e mais repugnante, pois até os próprios avisos que os sindicatos afixam em público o preocupam.

Há dias esse gerente—já célebre pelas suas arremetidas contra o sindicato e seus organizadores—vendo um daqueles avisos convocatórios das assembleias, arrancou-o, procurando logo informar-se quem ali o tinha posto.

Não vamos ao ponto de gastar mais tempo a vincar quanto desprezo sentimos por tam irritante criatura, mas simplesmente trazer ao conhecimento dos que, sendo laicaos reconhecidos da Empresa, ainda se atrevem a proclamar que semelhante doente é humanitário.

Por um desses cavalheiros foi o secretário geral do sindicato avisado de que a Empresa não permitia que nas suas propriedades fossem afixados avisos do Sindicato.

De torna-volta o chefe Matos terá informado o gerente de que o secretário geral do Sindicato, não sendo servo da Empresa, não obedece à ordem.—C

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Segundo concerto do maestro Lamotte de Grignon

O maestro Lamotte de Grignon deu no domingo o seu último concerto de direcção da Orquestra Sinfónica Portuguesa que continuará a ser regida por Pedro Blanch a quem devemos a posse duma orquestra que se tem mantido à custa duma grande tenacidade e sacrifício.

De Grignon dominou mais uma vez a assistência do São Luís pela firmeza, elegância, e sabedoria com que orientou todos os números do programa. A linguagem que as suas mãos, que o seu gesto exprimem, verdadeiramente notável, tomou aspectos interessantíssimos nas suas composições de carácter popular, no «Aprenti sorcier» e na «Dança de Nicolau». Sobre o valor das composições que a orquestra executou não queremos deixar de mencionar o sabor curioso da «Dança», musical e pitorescamente interessantíssimo. Na suite popular, nativamente popular de Grignon há um traço característico que individualisa os três números.

Mas, o que mais nos impressionou foi a extraordinária delineação timbrica do «Aprenti sorcier» trecho de difficilissima textura sonora. Com Lamotte de Grignon, a formosíssima e estranha página de Dukas tocou tocou todos os malefícios da feitiçaria, toda a satânica feição lírica que o autor ideou magistralmente.

Há na execução de «L'aprenti sorcier» com a regência de De Grignon, calafrios inesperados, belzebuticamente lúgubres. E principalmente o arripio do ambiente que nos subjugou sinistramente. Sente-se a quimérica, o olor infernal, a visão de mundos diabólicos.

A sinfonia n.º 2 de Borodine que constituiu a segunda parte do concerto e que Grignon dirigiu soberbamente, é uma extraordinária composição, talvez um pouco fora dos moldes de sinfonia, mas não deixando por isso de nos apresentar uma feição bem russa e bem borodiniana. A forma como musicalmente está tratada, impõe-nos imediatamente ao nosso apreço, ficando desde logo a igualdade de tratamento que o músico dedicou aos metais e aos arcos.

No andamento do lirismo, ao contrário do que quando sempre se segue, desloca-se magistralmente para os metais, sem perder o colorido que os outros instrumentos coordenam e completam. O traço pessoal de Borodine, denuncia-se nas reminiscências que passam pela sinfonia, de outras obras do mestre, acentuando-se principalmente o motivo dominante das danças do «Príncipe Vgor».

NOGUEIRA DE BRITO

No Eden Teatro

«Pic-nic» revista de Ascensão Barbosa e Abreu e Sousa

A parceria portuense Ascensão Barbosa e Abreu e Sousa, cujo maior êxito em Lisboa foi «Fruto proibido» apparece-nos no Eden com a nova revista «Pic-nic». Não foram felizes os autores na sua recente obra. Abusando-se em demasia do dito politico, recitadito a todo o passo, dentro da própria peça e em que Bernardino e Afonso apparecem insolentemente, forçando-se o desfile de figuras de todos os dias, de que outras revistas transbordam também, não nos pareceu «Pic-nic» uma revista que chame a atenção do publico, eançado já da insistência doateatro deste género, felizmente a declinar. A música, coordenada e original, não satisfaz e o publico prouve-o bem dando unicamente em toda a representação as honras de bis ao número dos «bonecos» conhecido do próprio palco do Eden, quando dos espectáculos duma companhia de bailarões russos que há pouco se exhibiu. O que realmente representa esforço é o arrojado de alguns scenários, um dos quais, por paralelismo com a maneira cubista, pode ser classificado de triangulismo. Não podemos deixar de incitar os scenógrafos do «Pic-nic» e que são quasi todos os do meio lisboeta, a que prossigam, arrejando de modernismo a sua arte, para que não fiquemos a marcar passo no que a vista já recebe bem constrangida. O guarda-roupa de Jaime Valverde tem latos de bom gosto e com a simplicidade que caracteriza este «costumier». No desempenho que foi uniforme, distinguu-se o bailarino Bill Bayley na scena de «Colombine».

N. B.

Noticias

A Academia de Amadores de Música, em comemoração do centenario de Vasco da Gama, realiza no seu salão, no dia 27 do corrente, um grande concerto em que serão executadas somente obras de compositores portugueses como Carlos Seixas, Viana da Mota, Timoteo da Silveira, Joaquim Fão, Ivo da Cruz, Floriano Rodrigues, António Fragoso, Freitas Branco, Rui Coelho, Padre Serrão, Francisco de Lacerda, Tomás de Lima, Frederico de Freitas, etc.

Reclames

Mais uma noite de triunfo garantido para os artistas que no Nacional interpretam a linda comédia «Dicky», todas as noites se tem esgotado a lotação, hoje succederá o mesmo porque o publico é atraído ali pela certeza do homogeneo conjunto que vai encontrar.

Mais um espectáculo da hoje ao publico a empresa do teatro Apolo com a magnifica peça «O Amor de Perdição» cujos successos se contam pelo numero das representações. Fizeram um notável successo, como era de esperar, os aplaudidos e populares clowns Rico & Alex que ontem fizeram a sua estreia no Coliseu dos Recreios. Rico & Alex, que na época passada não vieram a Lisboa, trazem novos e originaes intermédios cómicos que fizeram rir extraordinariamente o publico que, no final, os ovacionou com entusiasmo.

Eden Teatro

(Telef. Norte 3800)

HOJE, ÀS 9,30 DA NOITE

AGRADO UNANIME

Sempre enchanes com a fantasia revista

PIC-NIC

original de ASCENÇÃO BARBOSA

Música de ASCENÇÃO BARBOSA

GRANDE CORPO CORAL e de BAILE

Dirimores encenação de OTHELLO DE CARVALHO

Magníficos guarda-roupa de JIMME VILVERDE

Deslumbrantes scenarios de Salvador, Mergulhão, Regis, Illichino, Baltazar Rodrigues e Campos & Oliveira

Bilhetes à venda sem locação

DESPORTOS

FUTEBOL

Os desafios de domingo

Jogaram-se no passado domingo em Pa-lhava dois desafios de 1.ª categoria para o campeonato de Lisboa. O primeiro, entre o Carcavelinhos e o Portugal, terminou pela vitória do Carcavelinhos por 6-0. O interesse que este jogo despertou foi diminuto, tendo decorrido sem brilho e sem fases de bom futebol. Venceu no entanto o melhor.

O segundo jogo, causa da grande assistência que affluia ao campo, era entre o Benfica, que apenas conseguira uma vitória na primeira volta, e o Belenenses, o primeiro classificado. A vitória, por sinal nitida, pertenceu ao Benfica, que bateu o seu adversário por 3-0.

Os de Belem fizeram um mau jogo. Além dos erros de técnica tiveram ainda conta si a rasvoavel dose de violência de que usaram, notoriamente dois dos seus elementos. É lamentavel que assim tivesse succedido, pois que devido apenas ao acaso se não viam os resultados fustos de tal tactica. Especialmente as cargas do guarda-redes do Benfica foram simplesmente censuraveis.

O domínio geral e a direcção do jogo pertenceu sempre ao Benfica; apenas no fim da primeira parte e no principio da segunda houve vantagem a favor dos Belenenses, a qual de resto estes não puderam aproveitar devido à oportunidade da defesa contrária. As duas primeiras bolas foram marcadas na primeira parte, a primeira pelo meio esquerda, rematando uma boa avançada, e a segunda na transformação de uma grande penalidade. A terceira bola foi obra do ponta esquerda, marcada impecavelmente.

A arbitragem, satisfaz, aparte a benevolência com o jogo duro.

A primeira categoria do Benfica entregou ao seu avançado centro, o sr. Ribeiro dos Reis, que fez o seu ultimo jogo official, um lindeiro de prata e uma mensagem, saudando nele o desportista e seu novo treinador.

O desafio Porto-Braga

O primeiro desafio entre seleções do Porto e Braga que se realizou no domingo, no Porto, terminou com a vitória do grupo desta cidade por 3-0.

O Porto-Lisboa

Está marcado para o proximo domingo, no Campo Grande, o desafio entre os grupos representativos do Porto e Lisboa. O grupo de Lisboa é constituído pelo grupo do Sporting, à excepção do guarda-redes e médio esquerdo, cujos lugares são occupados respectivamente por Francisco Vieira e Cesar de Matos.

DICKY sendo uma comédia — tipo do moderno repertorio francez, cheia de scenas leves, de vivacidade ligeira, presta-se a mostrar, em papeis feitos com graciosidade e com naturalidade, os artistas que a interpretam. Ribeiro Lopes desenhava excelentemente o protagonista e podia dizer-se sem favor, que DICKY é representado no Nacional com perfectibilidade.

VIDA ANARQUISTA

Terra Livre.—Reúne hoje, às 21 horas, Grupo «Povo Livre». Na sede reúne amanhã, às 21 horas, todos os componentes deste grupo.

FESTA ESCOLAR

Na Escola Ferreira Borges

Na Associação Académica da Escola Commercial Ferreira Borges realizou-se no passado domingo uma sessão solene para comemorar a passagem do seu primeiro aniversário. Visava também a sessão solene a homenagem ao antigo director daquella estabelecimento de ensino, agora reintegrado.

Cabe aqui referir os factos que se passaram em volta da demissão do sr. Bueno y Martins. No governo Alvaro de Castro foi nomeado professor de inglês da escola o sr. Elias Garcia. O então director opoz-se à nomeação, fundamentando-se na incompetência do professor.

O nomeado procurou o director da escola, e, encontrando-o à saída do Banco de Portugal, deu-se uma violenta scena de pugilato entre ambos.

Conquanto o ministro do comércio desistisse da nomeação, não ficou o caso solucionado.

Ao ministério Alvaro de Castro succedeu o de Rodrigues Gaspar, e o novo ministro do comércio, sr. Pires Monteiro, insistiu na nomeação, pedindo o sr. Bueno y Martins a demissão do seu cargo.

Deu-se nessa altura uma viva agitação entre os alunos daquela escola, que organizaram várias manifestações e significaram o seu protesto não frequentando as aulas a cargo do sr. Elias Garcia, que nunca conseguiu dar uma lição.

Com a entrada do actual ministério foi o sr. Elias Garcia transferido e reintegrado o sr. Bueno y Martins, sendo assim satisfeitos os justificados desejos dos alunos.

Na sessão solene falaram vários oradores que lembraram a conveniência de se criarem mais escolas naquelle genero, com edificio proprio. O presidente da Associação enalteceu o director daquella escola pelos seus belos serviços prestados, agradecendo ao ministro do Comércio, sr. Pires Silva, a reintegração do Director.



INTERESSES DE CLASSE

O Congresso das Artes Gráficas

A necessidade da sua efectivação

São já decorridos alguns meses após a realização das Conferências Inter-sindicais Gráficas de Lisboa e Porto e, apesar de algumas das teses serem de imediata execução, como a da crise de trabalho e formação dos conselhos técnicos, infelizmente ainda nenhum passo se deu para as pôr em prática.

Torna-se necessário realizar o Congresso Gráfico, e no mais curto espaço de tempo, mas para isso é conveniente fazer desparar a classe para que possa voltar aos seus tempos áureos em que marchava na vanguarda das fileiras revolucionárias. Ela não deixará de corresponder ao apelo que lhe seja feito porque de contrário verá perder as poucas regalias que hoje possui.

Pensa a C. G. T. fazer o seu Congresso Confederal no prazo máximo de seis meses. Para tal fim vai aquele organismo enviar delegados seus à província a fim de realizarem a necessária propaganda. Não poderia a Federação da indústria gráfica aproveitar esta ocasião para encetar uma intensa propaganda nas várias terras do país onde o moral dos gráficos se encontra completamente abatido? Para isso, bastava que a Federação, dada a sua falta de recursos, conseguisse que a C. G. T. mandasse também alguns gráficos fazer a propaganda do Congresso, os quais teriam também a incumbência de organizarem Núcleos ou Ligas nas localidades mais importantes do Centro e Sul do país. Quanto ao Norte, como ali há o Conselho Inter-federal poderia ele encarregar-se da mesma missão.

Para se demonstrar aos indolentes ou comodistas que ainda há uma meia dúzia de gráficos que está na disposição de reagir para que a classe não desapareça por completo, torna-se urgente dar cumprimento às deliberações das Conferências, especialmente sobre o que diz respeito à constituição dos conselhos técnicos, pois que eles trarão elementos preciosos que demonstrarão a necessidade de todos os gráficos emprenderem um grandioso movimento para a conquista de muitas regalias morais.

VERGÍLIO MOURA SANTOS
(Compositor)

Prevenção

Recebemos a seguinte comunicação:

«O Sindicato dos Manipuladores de Pão, tendo conhecimento de que Manuel Tavares Adão, expulso deste sindicato por espionar ao serviço da polícia, se encontra no Porto a exercer o cargo de fiscal das padarias da Companhia Portugal e Colónias, previne por este meio toda a organização operária deste facto a fim de se acautelar com este perigoso elemento».

PROPAGANDA SINDICAL

Uma sessão em Reguengos de Monsaraz

REGUENGOS DE MONSARAZ, 18.—Aproveitando a vinda a esta localidade do camarada Joaquim Candieira, o Sindicato da Construção Civil promoveu uma sessão de todas as classes operárias desta localidade, para aquele delegado rural fazer uma palestra sobre os objectivos do sindicalismo.

Com uma concorrência regular, Candieira realizou, uma interessante exposição sobre as funções dos sindicatos operários, combatendo a burguesia pela sua desenfreada ganância.

Dirigindo-se especialmente aos rurais fez uma sucinta descrição da sua situação através os séculos, provando, irrefutavelmente, que a sua organização de classe se deve a melhoria de situação que já goza.

Candieira foi muito aplaudido ficando o Sindicato da Construção Civil de encaminhar os rurais na sua organização.—E.

Pelo fortalecimento dum Sindicato

LINDA-A-PASTORA, 18.—Promovida pela comissão reorganizadora da Associação da C. Civil realizou-se no passado domingo uma sessão de propaganda, que esteve bastante concorrida por operários desta localidade e arredores.

Presidiu José Ferreira, secretariaram José Nunes e António dos Reis.

O presidente, declarou aberta a sessão, fez uma breve palestra demonstrando o fim a que a mesma se destinava, manifestando-se satisfeito pela colaboração que a comissão reorganizadora encontrou da parte de todos os camaradas de Linda-a-Pastora e arredores no levantamento da sua antiga Associação. Em seguida fez a apresentação dos delegados da Federação que se encontravam presentes, assim como um delegado da Secção da C. Civil de Belém; João Miranda, delegado da Federação, demonstrando o valor da Associação, e qual o esforço feito pelo organismo que ele ali representa para que os operários reunidos voltassem a enfileirarem na organização sindical; Carlos Coelho, também em nome da Federação, fez uma análise do movimento operário da C. Civil, através dos últimos tempos, salientando a necessidade da classe mais se fortificar, porquanto as chamadas «forças vivas» tramam na sombra o aniquilamento da organização.

Armando Duarte, pela Secção de Belém, saudou em nome da mesma os operários ali reunidos e fez votos para que a Associação volte aos seus antigos tempos.

Pires Barreiro, que de passeio se encontrava nesta localidade, ao ter conhecimento da realização desta sessão à mesma assistiu, tendo feito uso da palavra preferindo um belo discurso ideológico e filosófico, que agrado sobremaneira a toda assistência.

Alberto Dias, pela Federação, alongou-se em considerações sobre organização e instrução, referindo-se detalhadamente à crise de trabalho que a indústria actualmente atravessa.

Joaquim Martins enviou para a mesa, depois de a justificar, a seguinte proposta: «Os operários da C. Civil de Linda-a-Pastora e arredores, reunidos para reorganizar a sua associação; protestam contra a condenação iníqua de Manuel Ramos, bem como contra a reacção em Espanha, América e Itália».

Depois do camarada Moura ter feito algumas considerações o presidente encorreu a sessão, que terminou no meio do maior entusiasmo com vivas à C. G. T., Federação da C. Civil, A Batalha, etc.—E.

Crise de trabalho e baixa de salários

Nos corticeiros de Belém

A direcção do Sindicato dos Corticeiros de Belém convida os corticeiros pertencentes à área de Belém, especialmente os que se encontram sem trabalho, a reunirem hoje, às 19 horas, a fim de discutirem a atitude a seguir em face da crise de trabalho.

A esta reunião assiste um delegado da Federação.

Operários metalúrgicos sem trabalho

Reuniram em grande número os operários metalúrgicos sem trabalho que resolveram nomear uma comissão de três membros para, juntamente com um delegado da comissão de melhoramentos do sindicato, entrevistar hoje o presidente do ministério no sentido de resolver a crise que afecta a classe metalúrgica.

Resolveu convidar novamente os metalúrgicos sem trabalho a reunirem hoje, pelas 15 horas, a fim da comissão expor o resultado dos seus trabalhos.

A inscrição continua aberta na Sede do Sindicato Unico Metalúrgico.

Corticeiros de Lisboa

Na sede da Associação dos Corticeiros de Lisboa e a convite desta, reunem-se hoje, às 20 horas, os operários corticeiros, para se ocuparem da baixa de salários e da resposta da firma Cork.

Se por falta de número a reunião não se efectuar, a direcção previne que a mesma se realizará amanhã.

A crise aumenta em Vendas Novas

VENDAS NOVAS, 17.—Aumenta de dia para dia, e de uma forma geral, a crise de trabalho nesta localidade.

Há muitos trabalhadores rurais sem trabalho e os que o têm auferem jornas reduzidíssimas. A construção civil idem. A classe corticeira está por assim dizer reduzida à fábrica Wicander, e mesmo essa com tendências a paralisar.

Quanto às outras fábricas, há algumas que têm trabalho, mas com a proposta da baixa, o que se torna impossível aceitar com o custo da vida tal como aqui está. Há casas com sete pessoas de família sem um centavo de féria!

Urge tomar providências antes que se chegue a uma situação de desespero. A acção do Estado, se é que está na disposição de alguma coisa fazer, deve se estender às províncias, pois não é só Lisboa que tem falta de trabalho, mas sim o país de norte a sul.

Há muito para fazer pelo país todo, e de há muito que o governo podia ter feito um inquérito nesse sentido por intermédio das câmaras e fornecer a estas os meios necessários para abertura de trabalhos. Se o não sabe fazer consulte o inquérito de A Batalha desde o seu início, e veja as necessidades do país.

Têm-se criado créditos ruinosos destinados a pomposas viagens e outras despesas inúteis e escandalosas; abram-se, pois, neste grave momento de crise de trabalho, os créditos necessários para proceder aos trabalhos que há para fazer, e o governo prestará assim um grande melhoramento a todas as localidades do país, atenuando ao mesmo tempo a enorme crise de trabalho, que traz a miséria a muitos lares e pode acarretar funestas consequências!—C.

As reclamações do operariado de Santarém

SANTAREM, 16.—No Grémio Operário e a convite da comissão nomeada numa reunião realizada na associação dos Caixeiros, reuniu o operariado desta cidade no dia 14.

Abriu a sessão José Madeira, da comissão, que explica os fins para que esta se efectuou, e que é a discussão duma representação a enviar ao ministro do Trabalho, sobre trabalhos a realizar em Santarém. Posta à discussão, pronunciaram-se sobre ela Saul que acha não dever citar-se o convento de Cristo de Tomar, deixando essa incumbência aos operários daquela cidade.

Fragoso faz algumas considerações alusivas à moção, e explica a conveniência de serem apontadas ao governo todas as obras que este possa realizar, pois que não se trata de empregar operários por região mas sim reclamar trabalho para todos os que estão desempregados.

Carlos Gomes aponta e defende a conservação do «Convento das Claristas» que está destinado a museu distrital.

A moção foi aprovada por unanimidade e dela recortamos os alvítes sobre as seguintes obras: Gimnasio do Liceu Central Sã da Bandeira, aumentar a verba para que sejam admitidos mais operários, e facilitar a construção de duas aulas laterais; Construção do edifício dos correios e telégrafos que a um ano foi adjudicado em concurso público por Joaquim Gaudêncio, construtor de Lisboa; Levantar a verba destinada à conclusão dos trabalhos na igreja da Graça.

Reparações na igreja do Monte; trabalhos no Convento das Claristas, destinado a Museu Distrital; Estradas, Pontes, Convento de Cristo em Tomar, etc.

Antes de encerrada a sessão foi presente ainda uma moção indicando e reclamando a laboração de várias obras que já foram, em parte, publicadas na Batalha, moção que foi aprovada por unanimidade. José Madeira volta a falar, estimulando os operários a acompanharem sempre a comissão no decorrer das «demarches» e espera que o Grémio perfiha os trabalhos já realizados, acompanhando as reivindicações pró-debelação da crise.

Fragoso explica porque se encontra no seio dos trabalhadores, para desfazer o despeito que poderá causar aqueles que não o compreendem. Afirma-se trabalhador e identificado com a grande causa da emancipação humana.

Aprecia a crise de trabalho que não tem razão de ser num país onde, além de tudo estar por fazer, há o desenvolvimento agrícola e industrial.—C.

Agrava-se a situação do operariado de Braga

BRAGA, 15.—O proletariado desta cidade, vítima também da crise de trabalho, agita-se de há tempos não consentido sem protesto o agravamento da sua situação.

A classe dos fabricantes de calçado, além da pavorosa crise que atravessa, es-

tá presentemente a braços com um movimento contra a baixa de salários.

A convite do seu sindicato estiveram há dias aqui, como delegados da Delegação Confederal de Propaganda, os camaradas Júlio de Campos e Ribeiro Dias que tomaram parte numa sessão do referido organismo, tendo feito larga propaganda dos objectivos da organização pelo que foram muito aplaudidos.—E.

Foram abertos alguns trabalhos em Evora, mas não se paga ao operariado

EVORA, 16.—No sentido de atenuar a tremenda crise de trabalho que afecta o operariado, foram encetados pelo Estado alguns trabalhos para reconstrução dos edifícios públicos: Mosteiro de S. Bento e Igreja de Santa Clara.

Na Biblioteca Pública, começaram já as reparações dos telhados, que evitarão, que as chuvas deteriores ainda mais o edifício, e algumas obras de arte e valor que ali se encontram.

Também no caminho de ferro de Evora a Reguengos—há anos em construção—se iniciaram alguns trabalhos de desatero e terreflanagem, empregando algumas dezenas de operários corticeiros e rurais.

A abertura destes trabalhos apenas atenua um pouco a crise. A miséria nos lares que trabalham em nada diminuiu, antes pelo contrário, aumentou. As energias dispendidas aumentam, e o salário que deveria reparar essas forças nada compensa, pois que apenas auferem o insignificante salário de 11500 que nem chega para pão.

E nem mesmo esses insignificantes salários são pagos totalmente. Na primeira semana, em que os operários completaram 4 dias de trabalho, apenas lhes foi pago 25000, que em nada lhes vieram minorar a sua miserável situação.

Quando um destes operários comentava o facto de ter completado 4 dias, e de só lhe terem pago 25000, um empregado do governo civil, depois de acalorada discussão com esse operário, deu-lhe voz de prisão, a qual por pouco tempo foi mantida, porque o delegado do governo, procurado por uma comissão de operários e reconhecendo a razão que lhe assistia, o mandou em liberdade.

Os operários que têm esmolado, e a que os jornais desta cidade se têm referido, são apenas 6.

A grande maioria do operariado não mendiga, apenas procura trabalho, e com o insignificante salário que auferem, embora dificilmente, se vai arrastando pela senda tortuosa da vida, repleta de miséria e precipícios.—C.

Um convite do Sindicato da Construção Civil de Almada

O Sindicato da Construção Civil de Almada convida os operários da construção civil desempregados, sócios ou não, a comparecerem hoje, às 19 horas, na sede, para lhes ser entregue o produto das quetes abertas nas obras do Alfeite.

Mais previne o semi-trabalho, que continua aberta a inscrição, devendo os que ainda não o fizeram, inscrever-se para efeitos de colocação.

Debelando a crise na indústria mobiliária

O Sindicato U. Mobiliário de Lisboa convida todos os operários mobiliários sem trabalho, sindicados ou não, a inscreverem-se nos cadernos deste sindicato, a fim de que o mesmo esteja habilitado a pronunciar-se sobre a forma como deve debelar a crise de trabalho e cujo assunto será debatido em sessões constantes, que se realizarão em todos os bairros de Lisboa em dias indicados em convites directos às oficinas.

Os propósitos da Fábrica Sanches, de Alhos Vedros

ALHOS VEDROS, 17.—E' cada vez mais assustadora a crise de trabalho nesta localidade, especialmente na classe corticeira. Das doze fábricas existentes, apenas se encontram duas em plena laboração, montando a 200 o número de operários que se encontram em alitiva situação.

A gerência da fábrica Sanches não quer admitir alguns operários desempregados, preferindo recrutar gente do Algarve, na criminosa intenção de reduzir os salários, o que, certamente, não será aceite pelos operários daqui por constituir uma afronta à sua miséria.

O Sindicato respectivo previne os operários corticeiros dos propósitos da referida gerência; dando igualmente o seu apoio à Federação para qualquer movimento contra a crise.—E.

EM SANTAREM

Reivindicando o descanso dominical

SANTAREM, 17.—O «referendum» dos empregados no comércio, sobre o descanso dominical feito ao patronato, prossegue muito lisonjeiro.

Por seu turno a Câmara Municipal, em reunião da comissão executiva, resolveu aceitar a representação que lhe foi entregue pelo Sindicato dos Empregados no Comércio, sobre o referido descanso.

O Senado Municipal, porém, a quem a mesma representação foi entregue entendeu consultar, sobre o assunto, a Associação Comercial e as juntas de paróquia, tornando assim mais morosa a resolução do caso.

A direcção do Sindicato já ontem se avistou com o presidente da comissão executiva, a quem fez sentir a morosidade das atitudes consultas, manifestando este senhor particular interesse pelas reivindicações do caixeiro de Santarém.

Também os manipuladores de pão conseguiram um resultado favorável na consulta que fizeram aos industriais sobre a fixação do descanso dominical.

A direcção do Sindicato conta entregar à Câmara um ofício e os questionários com a resposta do patronato, esperando conseguir em breve o descanso dominical, primeira regalia conquistada por este Sindicato.—C.

Na fábrica de Barcarena

Está-se tornando pesado e perigoso o actual director

Cada vez mais, se torna urgente pôr um dique aos desmandos que dia a dia está pondo em execução o director da fábrica de Barcarena sr. Vieira da Rocha que sem olhar à vida dos operários e à segurança do estabelecimento está permitindo as maiores anomalias.

Sendo a fábrica de Barcarena um dos estabelecimentos que mais economiza ao Estado é tudo o que há de mais desaceratado estar entregue a uma criatura que não tendo competência para administrar o está prejudicando consideravelmente.

Ao seu capricho e mesquinha vaidade não podem estar entregues os destinos e a segurança dum estabelecimento que emprega umas centenas de operários.

Numa fábrica desta ordem onde todos mandam desde o superior ao inferior, decerto que se cometem as maiores imbecilidades.

E' tempo de entrarmos numa verdadeira normalidade, fazendo justiça a quem tem juízo.

Para demonstrar-mos qual tem sido a atitude revoltante da gerência do sr. Vieira da Rocha, vamos pormenorizadamente referir-las:

Encontrando-se três aprendizes com idade para passagem a serventes, tem feito o maior entrave, obrigando-os a trabalhos de empreitada para auferirem mais uma pequena parcela além do seu magro salário de 7500 e que ainda assim não atinge a quantia de 10500 conforme lhes compete.

O serviço de encasque que devia ser feito com um operário em cada grupo de galgas, obriga que um só operário repare por dois grupos o que é anti-humano e anti-regulamentar, não podendo de forma alguma o serviço ficar feito convenientemente.

O serviço de encasque que devia ser dirigido meticulosamente, pelo que é de perigoso, é feito aereamente, sendo ultimamente empregados uns carrinhos, o que é anti-regulamentar. Supondo fazer melhor serviço e mais económico, torna-se mais caro, porque emprega mais pessoal, pior o serviço e sobretudo mais perigoso.

A sua loucura é tão grande em estropear todos os serviços fabris que ofereceu a um servente 50 % sobre o ordenado se conseguisse trabalhar com 4 grupos de galgas.

Da forma como pretende suprimir os operários das máquinas ainda há dias um desastre grave ia resultando com o deslocamento dum lustrador carregado com 250 quilos de pólvora, pois chegou a estar em movimento sem ter quem olhasse pela máquina; não houve felizmente vítimas, mas a máquina ficou desconjuntada sendo o prejuízo bastante grande.

As pólvoras antigamente eram molhadas antes de entrarem nas galgas; hoje é feito esse serviço debaixo das mesmas, o que é anti-regulamentar, sendo perigoso para a vida dos operários.

Depois de encasçada é escolhida empregando-se uma colher de pedreiro, trabalho este inútil, pois podiam ser todos os cuques medidos numa prensa, o que era mais prático e vantajoso.

Não se sabe a que atribuir todo este descalvo na fabricação de pólvoras físicas. Será com o propósito da fábrica não dar saldo?

Será com fins reservados que está gastando à larga o rendimento da fábrica na transformação do seu quartel num verdadeiro palácio?

Será propositadamente que está fazendo com que as pólvoras não deem o rendimento necessário?

Não deixaremos de pôr à luz do dia todos os escândalos que o sr. Vieira da Rocha tem pôr em prática.

A forma como trata com os operários, é tudo quanto há de mais revoltante. Vive-se numa verdadeira roça.

SOLIDARIEDADE

Em favor dum militante

Promovida por uma comissão do Sindicato dos Empregados de Hotéis e Restaurantes, realizou-se depois de amanhã, na sede daquele sindicato, e em favor dum militante da classe, uma grandiosa festa de solidariedade com o seguinte programa: Conferência por um militante operário; representação do drama social «Amanhã», um acto de variedades e uma comédia em um acto.

Pró-Alfredo dos Santos e Filipe José da Costa.

Como já anunciámos, realizar-se há no dia 24 a festa de solidariedade a favor de Alfredo dos Santos e Filipe José da Costa, presos no Limoeiro; há mais de oito meses, sob a falsa acusação de serem os autores do atentado ao sr. Quaresma de Moura, fiscal da Penitenciária.

Os beneficiados pedem-nos para que, por intermédio de A Batalha, apelemos para todos quantos se encarregaram da venda dos ingressos, no sentido de que prestem contas até ao dia 22, sem o que serão responsabilizados pela quantia correspondente a todos os bilhetes que levaram.

Comunicam-nos também, terem recebido de José de Sousa a quantia de 55885, duma «quente» entre os operários da Fábrica de Armas, sendo essa quantia destinada às despesas a fazer com o processo.

Brincando com o fogo

Para acudir à crise de trabalho, a comissão executiva da Câmara Municipal de Sintra fez publico, por meio de edital, que se acham em pleno vigor e execução as disposições do seu Código de Posturas, referentes à limpeza e pintura de prédios.

Ora sucede que, segundo esse código, as penas de multa para os proprietários de prédios que não observem essas disposições é de dez escudos, o máximo, e de cinco escudos o mínimo.

Devemos concordar que, por tão insignificantes multas, não vale a pena cumprir a lei.

Estas autoridades estão positivamente a brincar com os sem-trabalho. Brinquem, brinquem, que não tardará o momento de terem de dançar!

Lêde o Suplemento de A BATALHA

VIDA SINDICAL

C. G. T.

Comité confederal

Reúne amanhã, às 21 horas.

Comissão revisora de contas

Reúne hoje, pelas 21 horas.

U. S. O.

Conselho de Delegados

Reúne amanhã, pelas 21 horas.

Federação dos Empregados no Comércio

A Junta Sul, na sua última reunião efectuada no sábado, exarou na acta um voto de sentimento pelo falecimento do camarada Americo Felgueiras, militante da classe dos empregados no comércio e que por ela se sacrificou imenso, emprestando-lhe toda a inteligência.

Apreciei vario expediente, a que deu o devido destino e resolveu informar-se junto do sindicato dos Empregados do Comércio de Beja, duns factos lamentáveis em que o mesmo se encontra envolvido.

Marcou a reunião do Conselho Geral para amanhã.

Sindicato Unico Mobiliário—A comissão de propaganda, nomeada na última reunião magna da classe, incumbida de levar à prática vários trabalhos no sentido de elevar a organização mobiliária de Lisboa, tendo iniciado a sua missão, resolveu realizar dentro em breve sessões de propaganda sindical e de preparação dum movimento contra a crise de trabalho em todas as áreas de Lisboa, para o que conta com o esforço de todos os militantes e da classe em geral.

Tendo já quasi concluída uma estatística da indústria local, conta em breves dias dar início às sessões, devendo reunir a referida comissão amanhã, para resolver em definitivo.

Operários Maquinistas Fluviais—Em assembleia geral de 8 do corrente foram eleitos para os corpos gerentes: Assembleia geral, Secretários, Manuel Pinto dos Santos e Manoel Soares. Direcção: Presidente, Bernardo da Silva; secretários, Joaquim Nogueira e Manuel de Sousa; tesoureiro, Carlos Nogueira; vogal, André Marques de Almeida. Conselho Fiscal: Presidente Antonio Pereira; secretário, João da Silva Moura; relator, João Pires.

Secções Sindicais do Alto do Pina—As comissões administrativas das secções sindicais, convidam os trabalhadores do Alto do Pina a assistirem à conferência que o dr. sr. Ferreira de Macedo, da Universidade Popular Portuguesa, realiza hoje, às 20,30 horas, na sede.

CONVOCAÇÕES

REÚNEM HOJE

Sindicato U. da Construção Civil—Para assunto urgente, pelas 20 horas, as comissões administrativas das secções sindicais e profissionais, delegados ao conselho de secções e técnico, e conselho administrativo do sindicato.

Conselho Técnico—Pelas 20,30 horas, para apresentação de contas do ano findo.

Secção profissional dos pedreiros—A's 21 horas, a assembleia geral para tratar de assuntos urgentes.

Secção sindical de Palma—Pelas 20 horas, a comissão administrativa, para dar posse à nova comissão eleita para 1925.

Federação Mobiliária—Conselho Federal—Conforme resolução do último conselho federal, às 20,30 horas, para apreciar a marcha desta Federação.

Federação Marítima—Conselho de delegados.—Pelas 20 horas, na rua das Escolas Gerais, 15, 1.º.

Cabouqueiros e fabricantes de cal—A assembleia geral, pelas 21 horas, para ouvir o camarada Sebastião Graça.

Operários alfaiates—Pelas 21 horas, a assembleia geral, para eleição de corpos gerentes e nomeação de delegados à U. S. O.

União dos empregados barbeiros de Lisboa—A assembleia geral, pelas 21 horas para apresentação de contas e nomeação dos corpos gerentes e comissão revisora.

Descarregadores de mar e terra—Para tratar de assuntos que dizem respeito às resoluções do último congresso marítimo pelas 19 horas, na sede, todos os membros eleitos para a comissão administrativa, conselho fiscal, assembleia geral e comissão administrativa do conselho técnico.

PARA DIAS PRÓXIMOS:

S. U. da Construção Civil—Reúne amanhã, às 21 horas, a assembleia geral, para discussão do novo regulamento dos sindicatos federados e suas secções.

Compositores Tipográficos—Amanhã às 18 horas, tratar da crise de trabalho.

Pessoal da Exploração do Porto de Lisboa—Reúne amanhã às 19,30 horas, a assembleia geral.

SINDICATOS DA PROVÍNCIA

S. U. Metalúrgico do Porto—Reuniram no dia 12 os militantes metalúrgicos, a convite deste sindicato, para apreciar as divergências existentes entre a Federação Metalúrgica e o Comité do Norte.

O secretário geral, em breves palavras, definiu o estado do conflito que motivou a reunião.

Santos Viseu, membro do comité cessante e delegado ao congresso realizado em Coimbra, explica vários antecedentes que, em seu entender, são causa do presente conflito.

Mário de Carvalho, membro do comité actual, depois de várias considerações, lê documentos da Federação, onde se nota a pouca preocupação de solucionar o conflito.

Mendes Gomes é de opinião que a exposição feita por Santos Viseu, devia ser conhecida por todos os sindicatos, e levada à Conferência Inter-Sindical.

Anastácio Ramos declara que é com mágoa que constata a existência do conflito.

Henrique de Almeida tem palavras de protesto contra os causadores das divergências existentes.

Reinaldo Borges protesta também, sendo de parecer que a razão assiste ao Comité do Norte.

Vaz Osório tem a opinião que a C. G. T. devia diligenciar que a Federação respeitasse as resoluções do Congresso Corporativo.

Antonio Carvalho, em nome da comissão

administrativa, vê com satisfação o interesse e sinceridade com que os militantes metalúrgicos defendem os princípios sindicais.